

FABRICAÇÃO E INVENÇÃO NA FILOSOFIA DE BERGSON¹

Fabrication and invention in Bergson's Philosophy

Simeão Donizeti Sass

UFU

Resumo: O objetivo desse estudo é expor a teoria bergsoniana da criação e como podemos entender a fabricação de objetos no mundo material. Fabricação e criação são possibilidades para o ser humano. Podemos identificar uma distinção, mas não uma oposição entre esses dois termos. Tais ideias são modos de resolver problemas. A criação é um novo modo de viver. A criação é o próprio movimento do espírito e da felicidade na vida humana. A criação não é um movimento repetitivo. A fabricação é o modo inteligente de resolver problemas básicos da existência. Com criação e fabricação podemos viver de forma plena todas as nossas possibilidades.

Palavras-chave: criação, fabricação, espírito e movimento.

Abstract: The purpose of this paper is to expose the Bergsonian theory about creation and how is possible the fabrication in the material world. Fabrication and creation are possibilities for the humankind. We can see a distinction but not opposition. We can see these ideas like the way to resolve problems. Creation is a new form of live. Creation is the movement of the spirit and the happiness. Creation is not a repetition. Fabrication is the intelligent way to resolves the basics problems. With creation and fabrication we can live more and better.

Keywords: creation, fabrication, spirit and movement.

A distinção estabelecida no título da exposição compreende as duas atividades fundamentais do ser humano. Para Bergson, fabricação e criação constituem a vida humana no sentido de que perfazem caminhos complementares na luta histórica pela subsistência e pela inovação. Tal distinção, entretanto, não deve ser vista como uma oposição. Tentaremos apresentar essas duas faces da produção de objetos no mundo concreto estabelecendo uma via de progressão entre o trabalho interessado na

¹ O presente estudo foi exposto no Seminário **PERCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA TECNOLOGIA: HORKHEIMER E MARCUSE, BERGSON E SIMONDON** organizado pelo NEPC (Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo) da UFMG coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Domingues.

solução de problemas práticos e cotidianos, típicos da fabricação, e a relação que essa produção estabelece com os chamados objetos estéticos, inúteis para alguns, que trazem consigo a marca da criação.

Para iniciarmos nossa exposição faremos uso de uma citação extraída da conferência “A Consciência e a vida”, pronunciada na Universidade de Birmingham, no dia 29 de maio de 1911.

É provável que o esforço combinado da física e da química chegue um dia a fabricar uma matéria que se assemelhe à matéria viva: a vida procede por insinuação, e a força que arrasta a matéria para além do puro mecanismo não se exercerá nesta matéria se ela não tiver primeiramente adotado este mecanismo: assim, a agulha da via férrea se cola ao trilho do qual ela vai desviar o trem. Em outros termos, a vida se instala, em seus primórdios, num certo gênero de matéria que começaria ou que teria podido começar a se fabricar sem ela. Mas a matéria teria se detido aí se fosse abandonada a si mesma: e aí se deteria também, sem dúvida, o trabalho de fabricação de nossos laboratórios. Imitar-se-á certas características da matéria viva; não se lhe imprimirá o elã pelo qual ela se reproduz e, no sentido transformista da palavra, evolui. Ora, esta reprodução e esta evolução são a própria vida. Uma e outra manifestam um impulso interior, a dupla necessidade de crescer em número e em riqueza pela multiplicação no espaço e pela complicação no tempo, enfim, os dois instintos que aparecem com a vida e que serão mais tarde os dois grandes motores da atividade humana: o amor e a ambição. Visivelmente, uma força trabalha diante de nós, procurando se libertar dos obstáculos e ultrapassar-se a si mesma, procurando tirar de si primeiramente tudo o que tem, e depois, mais do que tem: como definir de outra forma o espírito? E por que a força espiritual se distinguiria das outras, se ela existe, senão pela faculdade de tirar de si mesma mais do que contém? Mas é preciso levar em conta os obstáculos de toda espécie que esta força encontra em seu caminho. A evolução da vida, desde suas origens até o homem, evoca para nós a imagem de uma corrente de consciência que penetraria na matéria para abrir uma passagem subterrânea, faria tentativas de todos os lados, progrediria um pouco, chocar-se-ia com a rocha a maior parte do tempo e, entretanto, ao menos numa direção lograria êxito e reencontraria a luz. Esta direção é a linha de evolução que termina no homem (BERGSON, 1979, p. 79).

A citação menciona primeiramente a distinção que Bergson estabelece entre matéria criada em laboratório e aquela originada da evolução da vida. Essa diferença é essencial e revela a “aposta” feita pelo filósofo relativamente ao que existe de específico e original na matéria “natural” relativamente ao que foi “fabricado” pelo homem em condições especiais e “artificiais”. Haveria uma lacuna essencial na produção controlada, haveria a carência do elã, daquele impulso que originou toda a vida. Tal “aposta” encontra seu fundamento na teoria bergsoniana da duração e de sua especificidade em relação aos outros modos de se conceber o tempo e a vida.

Notamos aqui a distinção que mencionamos no título, a matéria feita em laboratório é fruto de uma fabricação enquanto que a matéria trabalhada na natureza, fruto do trabalho humano ou não é o resultado de uma evolução criadora, que teve seu início em uma concentração de matéria e na decorrente explosão, ou impulso, para o seu desenvolvimento.

A distinção entre criação e fabricação, portanto, está na base de sua filosofia. É preciso colocar nessa ordem as duas formas de relação do homem com a matéria, pois a fabricação pressupõe um processo evolutivo da vida que teve seu início em formas muito rudimentares, não humanas, até que tal evolução culminasse no homem. Na cadeia da evolução da vida o processo de fabricação somente teve lugar quando surgiu a capacidade de projetar e executar artefatos e processos. Em suma, quando a inteligência surgiu. Mas, esse instrumento basilar da dominação do homem sobre a natureza também foi fruto de um longo processo evolutivo. Ele foi o resultado de um impulso mais rudimentar e básico, ele foi precedido pelo instinto.

Inteligência e fabricação, portanto, são termos intercambiáveis. Ambos podem ser pensados a partir de outro que é a *técnica*. O ato de desenvolver uma técnica para a fabricação de algum objeto útil pressupõe o uso da inteligência. Assim, não seria absurdo afirmar que não só os homens desenvolvem técnicas e estratégias para fabricar objetos que visam a alimentação, a caça ou a satisfação de necessidades vitais. Animais usam artefatos naturais para diversos fins, plantas carnívoras desenvolvem estratégias para obter alimentos. A simples seleção do alimento e do habitat demanda um complexo processo de escolha e decisão. São esses os fatores essenciais para o que Bergson denomina consciência. Memória e escolha são os marcos de toda atividade consciente. E órgãos e estruturas físicas foram desenvolvidos e aperfeiçoados para a tomada de decisões vitais. O cérebro, para Bergson é o melhor exemplo de uma estrutura física especializada na escolha, na tomada de decisões e no empreendimento de ações.

Esse esboço de gênese da inteligência que ensaiamos caracteriza um dos marcos da filosofia bergsoniana que fez história na França no início do século passado. Sua filosofia tentava, nas palavras de Jean Wahl, o *retorno ao concreto*. Tal retorno coloca no centro da atitude filosófica a ação e a experiência. Em outros termos, pensar a vida em sua evolução significa compreender como foi possível o surgimento de tal fato e como é possível experimentá-lo. Filosofar de modo concreto, para Bergson, é pensar em duração; flagrar aquilo que se deseja conhecer ou compreender no momento em que acontece, no seu processo de constituição, pensar a coisa durando.

Nesse quadro, pensar a fabricação e a criação é compreender os diferentes modos do agir humano. É, sobretudo, tentar captar as diferentes experiências internas e de exteriorização que tais ações congregam. Nesse tempo que resta de nossa exposição vamos nos concentrar na atividade de criação. Primeiramente por ser ela a origem da fabricação e também para marcar os contrastes com a reflexão que pensa a técnica a partir de outros referenciais teóricos.

A vida é um dos temas centrais da filosofia de Bergson, marca da influência das teorias de Darwin e Spencer; além do fato de ela ser o objeto mais elementar de sua construção conceitual, a noção de duração. Pensar a vida é compreender a duração. Não temos tempo de expor em detalhes todos os lados deste que é um dos modos de se conceber o tempo, tentaremos somente demonstrar como a criação engloba a manutenção da vida e a novidade.

O processo de evolução da vida, na perspectiva bergsoniana, pode ser descrito como uma explosão surgida de um ponto de concentração. A figura que serve para representar tal movimento é o cone, que tem um lado centrado em um único ponto e o outro que se lança ao infinito. O resultado desse impulso inicial foi o desenvolvimento e a transformação da matéria e da vida. Vida e matéria coexistem desde o início em uma relação de atração e de tensão. A matéria sendo o estofa e o objeto da vida. Esse impulso, contudo, mantém sua energia enquanto dura a vida. A vida é esse impulso vital. Na matéria inorgânica o impulso tende a ser quase imperceptível. Mas mesmo ali existe vida latente. Na observação dos outros modos de vida, nos vegetais e nos animais, tal impulso se mostra cada vez mais forte e complexo. No final desse processo está o homem, como a forma mais elevada e inventiva do impulso criador. Matéria e vida relacionam-se, desse modo, como lados complementares da manutenção da vida e de sua transmutação.

No caso dos seres vivos, plantas e animais, dois movimentos, duas ações, dois impulsos coexistem: a manutenção da própria vida e a criação de novas formas de vida. Um poderia ser chamado de conservador, o outro de inovador. É importante ressaltar que os dois são imprescindíveis. A evolução das formas de vida foi o resultado da combinação dessas duas ações. Mesmo a *reprodução* de um ser vivo já representa a *criação* de um outro ser de sua espécie. Ela já congrega os dois lados dessas duas necessidades. Um fator crucial para o surgimento da inovação crescente em um meio determinado pela necessidade de conservação e reprodução automática foi a solução dos problemas vitais. Nascer significa ser lançado em um meio que é, ao mesmo tempo, hostil e facilitador. Dentre outros aspectos, estar vivo significa lutar para manter a própria vida. E essa luta envolve múltiplos significados. Lutar significa matar e alimentar-se de outro ser, dissolver a matéria. Mas, outras vezes, lutar pode significar o uso da perspicácia, do blefe, da astúcia, da improvisação. Assim, não só a força bruta ou o instinto de sobrevivência são essenciais, mas a inteligência e a criatividade. Todos esses fatores são igualmente determinantes na luta pela vida.

A capacidade que cada forma de vida desenvolveu para solucionar seus problemas também direcionou sua posição na evolução. Bergson considera que as mais evoluídas foram aquelas que “investiram” mais na criatividade. Sem abandonar as tradicionais ferramentas como força e instinto, desenvolveram novas, evoluíram na capacidade de inventar soluções que aparentemente não existiam. Usando um termo que frequenta muito os vocabulários das tradições metafísicas, Bergson afirma que a criação surge de uma ação do *espírito*, ela surge como “uma força [que] trabalha

diante de nós, procurando se libertar dos obstáculos e ultrapassar-se a si mesma, procurando tirar de si primeiramente tudo o que tem, e depois, mais do que tem”. A criação é o espírito de renovação das estratégias e das práticas. Quando a repetição dos atos, quando a manutenção das formas de vida chegam ao seu limite, quando o automatismo não serve mais, quando todas essas estratégias para solução dos problemas vitais revelam o seu esgotamento, a vida pede mais da vida, ela exige mudança. Criar é mudar, não mais reproduzir, mas produzir algo que não existia.

Tomamos até agora como exemplo a manutenção da vida, o trabalho e a procriação. Ou seja, a relação do homem com a matéria que mantém seu corpo e sacia suas necessidades. Ocorre que a vida cria necessidades que ultrapassam a manutenção da matéria, do útil e do pragmático. A evolução dos modos de vida faz surgir a busca pelo inútil. Parece que quando o corpo está saciado o espírito cria forças para alçar voos mais altos, ele busca o prazer que está além da matéria, ele deseja a alegria e a felicidade, o êxtase. Talvez, uma das formas de diferenciarmos os seres vivos possa ser a sua capacidade de criar inutilidades, de buscar no mundo objetos e experiências que não alimentam só o corpo, mas preenchem o desejo de saber mais, de viver melhor, de ser feliz, de gozar a alegria.

Uma das manifestações mais intuitivas e acessíveis ao espírito dessa alegria de expressar determinado sentimento é a música. Tempo e música para Bergson comungam de uma mesma essência, ambos existem na forma da duração. Quando alteramos um compasso de uma partitura ela passa a ser outra composição. Nenhuma parte de seu ser expressa o nada. Todos os movimentos e intervalos compõem um todo. Tempo e música existem na forma do ritmo. De certa forma, a vida se manifesta sempre em um determinado ritmo. A criação é o ritmo que surge da inovação.

É a esse *ritmo* enquanto *progresso* e *fazer-se* que o artista se integra, pois *criar* é atividade e, mais do que isso, criar é *tornar-se* atividade, já que a coincidência com o ritmo da duração é coincidência com o espírito enquanto criação. O *tournant* que desvia o espírito da *ação prática* não o encaminha para a passividade. Antes, seria mais correto dizer-se que passividade é o estado da consciência absorvida na práxis, visando ao mundo como construto simbólico-intelectual. Aí a consciência se compraz na sua *naturalidade*, no repouso das formas que representam a interrupção do élan. A fabricação e a utilidade não devem ser entendidas como atividade no sentido original, mas apenas como transformações ordenadas do mundo prático para acomodar o percurso da vida regrada pela inteligência. No plano da atividade autêntica, a forma não encerra a vida, mas a simboliza no seu constante e essencial fluir. É o plano em que a vida não se contrapõe ao espírito, na medida mesma em que a trajetória do espírito é vital. Na *Evolução Criadora* [obra de Bergson publicada em 1907] (...) a vida é uma corrente espiritual que atravessa a matéria: como pode o portador ser contrário àquilo que traz em si? A forma artística realiza simbolicamente aquilo que a vida realizou ontologicamente ao semear as formas: a natureza ao expressar-se imprime o

absoluto nas formas criadas; por isso cada uma delas traz a densidade da criação absoluta, simples e irreproduzível. A vida só é contrária ao espírito quando as formas por ela criadas são tomadas como produtos externos ao ato de criação. A forma, como veículo de vida, traz em si a pulsão infinita do ato que a criou. (SILVA, 1994, p. 331-332).

Para sintetizar nossa exposição faremos duas considerações breves sobre as relações entre a arte e a filosofia. Para tanto, citaremos a obra *Bergson. Intuição e discurso filosófico*, de Franklin Leopoldo e Silva.

No *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), Bergson afirma

que a obra de arte cuja apreensão do significado se dá apenas no âmbito da sensação representa uma 'arte menor'. A forma sensível deve remeter àquilo que ela *não é*: nisso consiste a indeterminação que a distingue da forma do utensílio, que *é* aquilo que com ele eu posso *fazer* (...). Se no plano da inteligência a visão se transforma em ação, e esse é o caráter determinante e conclusivo da *atividade* intelectual, a obra de arte representaria a inconclusão da visão, a identificação entre a atividade e a possibilidade, a escolha da Virtualidade, e não a opção entre virtualidades. Da visão à ação, o percurso natural é como que bloqueado pela contemplação, que interrompe o circuito natural e desvia o pensamento de sua vocação 'mundana'. É nessa interrupção que se abre a possibilidade da intencionalidade não pragmática da consciência de um outro desenho do mundo, de uma organização imagética que, através do 'esforço de imaginação', visa ao núcleo da realidade numa visão que *permanece* enquanto tal; é a partir da permanência que se operam as configurações de imagens que estabelecem entre o sujeito e a realidade a relação de *desinteresse* que caracteriza a atitude estética. Assim como a percepção 'real' mede o interesse da ação virtual, a percepção artística instaura o desinteresse como mediação entre a forma (atividade) e o produto sem finalidade. A obra de arte *reflete* essa ausência de finalidade assim como o utensílio *reflete* a sua finalidade (...). Assim a obra de arte *reflete* o mundo e ao mesmo tempo *cria um mundo* (SILVA, 1994, p. 322-323).

Se a arte intui a duração do mundo e da vida, tal atitude não pode ser identificada com a do filósofo. Filosofar, para Bergson, também é praticar o método intuitivo. Mas, o modo como isso pode ser feito guarda diferenças fundamentais. Franklin cita a seguinte passagem da carta de Bergson a Hoffding:

a arte relaciona-se apenas ao ser vivo e utiliza apenas a intuição, ao passo que a filosofia ocupa-se necessariamente da matéria ao mesmo tempo em que aprofunda o espírito, e conseqüentemente apela para a inteligência tanto quanto para a intuição (embora a intuição seja seu instrumento específico) (SILVA, 1979, p. 323).

Partindo de tal afirmação, Franklin faz as seguintes considerações:

Que significa esse relacionamento da arte ‘apenas’ com o ser vivo? Certamente não podemos opor arte e filosofia afirmando que a arte tem a ver com o movimento e a filosofia com a matéria inerte. O que devemos entender é que a arte relaciona-se diretamente com o núcleo vivo e movente da realidade, uma vez a gênese criadora da obra situa-se numa dimensão mais profunda do que os quadros da inteligência. A filosofia relaciona-se com a matéria porque ela necessita superar metodicamente a aparência de imobilidade pela qual o real se apresenta na percepção e é assimilado através da lógica do entendimento. Por isso a filosofia apela para a inteligência: porque o conhecimento filosófico necessita familiarizar-se com as manifestações superficiais da realidade, aquelas mesmas que são acessíveis à inteligência, para ultrapassar criticamente, através dos fatos, a visão intelectual da realidade e predispor-se assim para a relação cognitiva através da intuição. Num certo sentido o conhecimento filosófico é mais completo: ele vai à gênese da constituição dos modos de conhecimento, relacionando-se com a trajetória do élan. A arte não faz o percurso genético porque parte da virtualidade intuitiva e se comunica emocionalmente com o núcleo da realidade, utilizando as imagens tanto para construir esta comunicação como para expressá-la. Diríamos então que a arte não revela o *porquê* da intuição (...) A filosofia parte também da interioridade do sujeito, atingida pela reflexão, e *penetra* na interioridade do objeto (...), construindo de alguma maneira indiretamente a sua relação direta com a totalidade (...) Assim [tanto na atitude estética quanto na atitude filosófica] a originalidade de *um mundo* reflete a originalidade *do mundo*: a liberdade da imaginação reencontra a Liberdade criadora (SILVA, 1994, p. 324-325).

Por fim, Filosofia e criação podem ser consideradas em sua síntese quando colocamos em discussão a moral. Para Bergson, o ponto de vista do moralista é superior. Tal formulação do modo de viver encontra no ser humano um grau de complexidade quase insuperável. A vida moral é um momento superior da criação humana porque, para Bergson,

criador por excelência é aquele cuja ação, ela própria intensa, é capaz de intensificar também a ação de outros homens, e generosamente iluminar núcleos de generosidade. Os grandes homens de bem, e mais particularmente aqueles cujo heroísmo inventivo e simples abriu novos caminhos para a virtude, são reveladores de verdade metafísica. Eles podem estar no ponto culminante da evolução, nem por isto eles estão menos perto das origens, e tornam sensível para nós o impulso que vem do fundo. (BERGSON, 1979, p. 81)

Para concluir, gostaríamos de esclarecer que não há em Bergson uma recusa da perspectiva produtiva ou técnica. Tampouco que ela é o contrário da criação artística ou da produção de uma moral. Todas as oposições simplistas não encontram guarida nas obras do autor em tela. O que fica claro é que a fabricação de um objeto técnico ou industrial e a produção de um objeto artístico cultural ou mesmo a invenção de um

novo modo de viver, uma moral por exemplo, são possibilidades que estão ao alcance de todo homem. Outro aspecto importante é que Bergson diferencia as capacidades do homem e até dos animais segundo um escalonamento de atividades que vai do mais útil e pragmático até o mais inútil e espiritual. Os animais também lutam pela sobrevivência e se organizam em sociedade para que a espécie consiga perpetuar suas gerações. É possível dizer que existem traços de inteligência entre os animais para que suas vidas sejam mantidas. A observação da vida animal demonstra que estratégias são usadas para a alimentação e para a procriação. Destaca-se que a inteligência surge de uma prática voltada para a manutenção da vida. No caso humano, contudo, a linha de evolução dessas estratégias de alimentação e procriação, assim como para a manutenção da vida, ganha contornos muito mais amplos e imprevisíveis. O ser humano não se satisfaz somente com alimentação, moradia e procriação. Os desejos humanos extrapolam qualquer previsibilidade e estabilidade. O modo como o ser humano escolhe viver em sua história demonstra que até alimentação e procriação surgem em um horizonte de múltiplas possibilidades e alternativas. Tão importante quanto uma boa refeição parece ser a busca por uma boa música, por diversão, por contemplação de um quadro ou a vida frugal junto da natureza. Até formas alternativas de vida como o isolamento em comunidades ou grupos religiosos ou artísticos figuram como formas de vida para o homem.

Portanto, fabricação e criação são dois modos de o homem viver no mundo. Frequentemente, esses modos são usados de forma combinada para que a melhor vida seja alcançada. Cada ser humano precisa ser, ao mesmo tempo, inteligente, pragmático e criativo para que sua existência atinja os fins almejados. São, portanto, ações realizadas e realizáveis em todos os contextos históricos e em todas as sociedades. Talvez, seja por isso que a oposição radical estabelecida entre a criação e a fabricação interesse somente aos que desejam tornar a vida humana menos interessante e menos digna de ser vivida.

Referências

- BERGSON, H. "A consciência e a vida" in *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*. Paris: Félix Alcan, 1909.
- SILVA, F. L. *Bergson. Intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

Doutor em Filosofia (Unicamp, 2002)
Docente do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia
Professor do PPG em Filosofia da UFU
E-mail: simeao78@gmail.com